



Resenha do CD “Extended Duo”

Pedro Moreira^{1,2}

(Texto versión en portugués)

O CD do *Extended Duo*, duo de clarinete baixo e piano constituído por Luís Gomes e Ana Telles, também disponível para audição nas principais plataformas de música online, foi editado em 2024 pela AvA Musical Editions e lançado oficialmente a 10 de dezembro do mesmo ano na Escola de Artes da Universidade de Évora, no âmbito do Festival de Música Contemporânea de Évora. Num tempo de imaterialidades, o objeto CD apresenta um grafismo cuidado, a cargo de João Vasco. No interior, o *booklet* informativo apresenta o grupo, os intérpretes e um texto explicativo de cada obra. Somos recebidos pelas palavras dos compositores que, de forma breve, apresentam a sua própria obra, em português e inglês, contribuindo para uma escuta informada. A gravação, ao cuidado de Mário Marques, denota um superlativo equilíbrio de ambos os instrumentos.

O repertório gravado inclui oito obras dos compositores João Vasco, Jean-Sébastien Béreau, António Victorino d’Almeida, Jorge Moniz, João Nascimento, Anne Victorino d’Almeida e Christopher Bochmann, e resulta das relações simbióticas dos mundos da interpretação, composição e investigação musical em Portugal. Simbióticas porque Luís Gomes e Ana Telles, para além de reputados intérpretes dos seus instrumentos, são também professores e investigadores na área da música.

O CD inicia-se com *Yaowarat*, obra composta por João Vasco (n. 1976), em 2022, e publicada no ano seguinte pela AvA Musical Editions. Estreou a 18/04/2024, no Lisboa Incomum, em Lisboa. O compositor propõe-nos uma viagem por *Yaowarat*, uma das ruas movimentadas da *China Town* de Bangucoque, Tailândia. Ouvimos um início marcado que pauta o ambiente sonoro da primeira secção, com os acordes secos no piano e tercinas num movimento quase contínuo do clarinete baixo, depois também no piano. De salientar a forma como

Gomes domina as dinâmicas e técnicas do instrumento, como *flutterzunge* ou *slap-tongue*. A sonoridade frenética do piano contrasta depois com uma coloração mais difusa que nos introduz na segunda secção da peça, mais contemplativa e introspetiva. Telles consegue transmitir, num movimento paralelo em ambas as mãos, uma sonoridade marcada pelo intimismo, controlando com rigor as dinâmicas marcadas.

Na obra de Jean-Sébastien Béreau (n. 1934), *Le saut de l’ange*, composta em 2015 e estreada a 09/06 do mesmo ano, no Salão Nobre da Academia das Ciências de Lisboa, é-nos oferecida uma interpretação com uma vasta gama de recursos expressivos e técnicos. Ana Telles permite-nos mergulhar em diferentes sonoridades, iniciando logo com o *pizzicato* e o pedal de sustentação, num motivo que será recorrente ao longo da obra e que surge, na sequência, no clarinete baixo. A extensão solicitada ao clarinetista é digna de referência, indo do registo grave, aos registos agudo e sobreagudo, mais para o final da obra revelando um domínio exemplar do instrumento. A obra transmite a metáfora do derradeiro salto de um oficial da força aérea que revisita as memórias dos cenários das suas missões na guerra colonial, e a quem a obra é também dedicada - João Galhardas.

De António Vitorino de Almeida (n. 1940), surge *Peça para Clarinete Baixo, Fantasia*, composta em 2023 e estreada a 18/04/2024, no Lisboa Incomum, em Lisboa. A obra apresenta uma diversidade de possibilidades musicais aos intérpretes, como a dimensão melódica desenvolvida no clarinete baixo, que permitem a Luís Gomes alcançar uma sonoridade fluída e uma articulação limpa e imaculada, ou o desafio à pianista que viaja entre mundos contrastantes, ora em secções com acordes secos em *stacatto*, ora em linhas de acordes em *legato*, com uma sonoridade doce. Assinala-se, em par-

¹ Musicólogo; Professor do Departamento de Música da Escola de Artes da Universidade de Évora; Investigador integrado do Centro de Estudos em Sociologia e Estética Musical (CESEM).

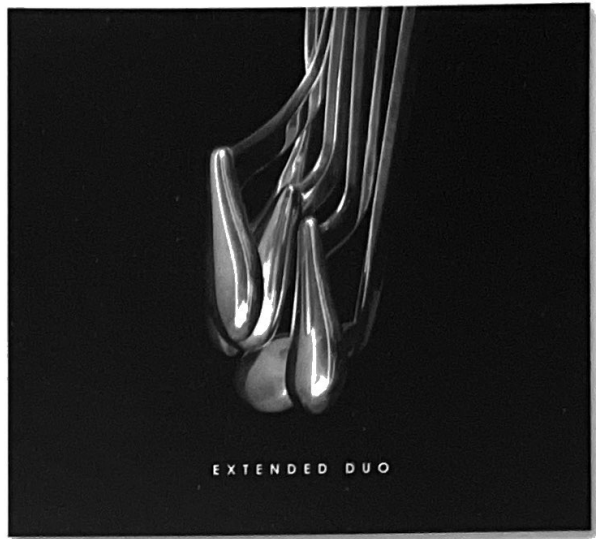
² Nota do autor: aceitei escrever estas palavras sobre o CD do *Extended Duo* assumindo, todavia, que conheço os músicos há bastante tempo e que são meus colegas na Universidade de Évora. O texto aqui apresentado não é uma crítica ao CD, mas uma resenha que o procura analisar tendo presente o contexto da sua produção e aspetos específicos da interpretação e composição de cada obra.

ticular, o apontamento solístico, cadencial, que Luís Gomes interpreta ao longo de 14 compassos.

A perfeita fusão entre os instrumentistas revela-se na simplicidade da obra de Jorge Moniz (n. 1973), de 2023, intitulada *Desert Dance*, estreada no Lisboa Incomum, em Lisboa a 18/04/2024. O som de Ana Telles transmite-nos uma quase hipnótica ondulação do piano, com uma ligeiríssima acentuação da última colcheia de cada compasso (5/8), que fica a ressoar para o próximo. O clarinete baixo surge, inicialmente, de forma ténue, mas ocupando o seu espaço, com Luís Gomes a conseguir sons contemplativos. Nesta dança, Ana Telles conduz os arpejos ascendentes até às suspensões de forma quase etérea, revelando a sua intenção na presença em cada nota, quase como se contemplasse a imensidão do deserto.

Segue-se uma obra enraizada no Alentejo, de João Nascimento (n. 1957). As *Oito mandalas alentejanas* foram terminadas em 2013 e estreadas a 18/03/2024 no Lisboa Incomum, e relacionam de forma dialética as experiências do compositor com uma expressão da cultura alentejana e com a sua espiritualidade. Em todos os andamentos, os intérpretes movem-se num território de pleno conhecimento do compositor. O início da obra é enérgico. Os instrumentistas conseguem criar sonoridades distantes, sobretudo explorando os diferentes registos. O tom mais contemplativo de *Ai marido de minh'alma que Deus te levou*, com indicação *In lacrimae*, na partitura, é traduzido por Luís Gomes na identidade única de algumas notas repetidas e, no caso do piano, pela delicadeza do som. Emerge no andamento seguinte uma sonoridade quase sagrada, com o *slap* do clarinete baixo a marcar uma ideia recorrente, em perfeita harmonia. A energia e vivacidade dos intérpretes conquista espaço, por exemplo, em *Minimal frenético pró-tonal*.

Noturno/Diurno resulta da junção de duas obras compostas respetivamente em 2018 e 2015 por Anne Vitorino d'Almeida (n. 1978), concedendo liberdade aos intérpretes de escolherem como começar: pelo dia ou pela noite. As obras foram estreadas a 21/03/2021, no Lisboa Incomum, e 06/11/2015, em Alcochete, respetivamente. No CD, *Noturno* surge primeiro, um *Adagietto*, introspetivo, iniciado com motivos melódicos no clarinete baixo. O piano apresenta, por vezes, um acompanhamento com arpejos ascendentes e descendentes, criando também um diálogo com a melodia no clarinete baixo, com os intérpretes a não perderem de vista uma certa contenção e um ambiente misterioso asso-



ciado à noite. *Diurno*, a primeira obra que Anne compôs para clarinete baixo, inicia-se com uma ideia obstinada no piano, num dia que desponta com muita agitação, marcado também pelos *slap* do clarinete baixo. Luís Gomes deixa-se permear ao longo da obra pelas diferentes linguagens que a compositora evoca, do "jazz ao latino", revelando a sua versatilidade sonora e ideias musicais bem delineadas. O piano de Ana Telles segue-lhe o exemplo.

O CD encerra com *Dialogue IV - Flights of Fancy*, de 2015, composta por Christopher Bochmann (n. 1950), que vem no seguimento de obras para dois instrumentos iniciadas em 1980, explorando as possibilidades dos diálogos. Neste caso, são 9 secções organizadas em torno de uma secção central, esta com "um caráter algo mais livre de cadência", segundo o compositor. Inicia-se com uma descida vertiginosa no clarinete baixo, seguindo-se um jogo rítmico entre os instrumentos. O cânone no piano desafia pelos ataques, dinâmicas e conceção musical, perfeitamente assimiladas por Ana Telles. Uma breve pausa antecede uma secção marcada *Vivo e Furioso*, onde Luís Gomes demonstra o seu domínio na precisão dos ataques e no gesto musical.

Em suma, o CD em apreciação constitui um importante registo para esta formação, para o repertório contemporâneo português e para os compositores, portugueses ou residentes em Portugal, que dedicaram as obras aos dois intérpretes. De assinalar que as relações simbióticas aqui estabelecidas são, de facto, relevantes para perceber o produto artístico enquanto contributo inestimável para o vínculo entre interpretação, composição e investigação musical em Portugal no séc. XXI.